ELEIÇÕES MUNICIPAIS

# Disputa é acirrada em BH e Fortaleza

## Na capital mineira, três lutam pelo 2º turno; na cearense, são quatro na briga

» VINICIUS DORIA

Além de São Paulo, as eleições municipais têm disputas acirradas em outras capitais, como Belo Horizonte, com três candidatos brigando pelas duas vagas no segundo turno, e Fortaleza, onde a concorrência é ainda maior, com quatro nomes competitivos.

Na capital mineira, o apresentador de TV Mauro Tramonte (Republicanos) lidera as principais pesquisas, mas não conseguiu ultrapassar, nos últimos 30 dias, a marca dos 30% de intenções de voto. O atual prefeito de Belo Horizonte, Fuad Noman (PSD), e o deputado estadual Bruno Engler (PL) aproveitaram melhor o período de campanha e, na reta final, encostaram no líder.

O que chama a atenção dos analistas é que, no espectro político, o trio está entre o centro e a direita. Os candidatos de esquerda não decolaram até agora: Rogério Correia (PT) e Duda Salabert (PDT) vão tentar, no debate, atrair esse eleitorado mais progressista.

Na terça-feira, pela primeira vez nesta campanha, os sete principais candidatos à prefeitura de BH estiveram em um debate, em uma rádio da cidade — o prefeito Fuad se recusou a participar dos anteriores. Com o mau desempenho dos candidatos da esquerda tradicional, Fuad mudou de estratégia e incorporou, em seus discursos, pautas ditas "progressistas", como a defesa de grupos minoritários, e tem conseguido avançar algumas casas nas pesquisas de opinião.

Em Fortaleza, porém, o embate entre direita e esquerda está mais acirrado e pulverizado entre quatro nomes — dois de cada lado, todos com chances de chegar ao segundo turno.

Segundo a pesquisa do Instituto Real Time Big Data divulgada anteontem, o deputado estadual Evandro Leitão (PT) — apoiado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva e pelo ex-ministro Cid Gomes — aparece na liderança, com 26% das intenções de voto, empatado tecnicamente com o deputado federal bolsonarista André Fernandes (PL), com 25%.

Também com chances de alcançar o segundo turno estão o deputado federal Capitão Wagner, outro bolsonarista de carteirinha, com 19%, e o atual prefeito, José Sarto (PDT), com 16%, que tem o apoio do ex-presidenciável Ciro Gomes. Apesar de contar com a máquina da prefeitura, Sarto faz parte do time de incumbentes que não conseguiram, ainda, sensibilizar o eleitorado da própria cidade e patina nas pesquisas. Capitão Wagner tenta, pela terceira vez, chegar ao Palácio do Bispo (sede do Poder municipal) e tenta tirar votos de Fernandes e Sarto para se viabilizar eleitoralmente.

### » Chuva de dinheiro provoca prisão

A Polícia Federal no Amazonas prendeu, ontem, o candidato a prefeito de Coari dr. Raione Cabral (Mobiliza) em flagrante quando ele fazia chover dinheiro vivo para a população durante comício na cidade de 70 mil habitantes a 363 quilômetros de Manaus. Dr. Raione, advogado, será investigado por supostos crimes de corrupção eleitoral e caixa dois, com penas que podem chegar a nove anos de prisão. Ele foi encaminhado para depor à equipe policial e poderá responder por crimes eleitorais, indicou a corporação. Gravações compartilhadas nas redes mostram o candidato a prefeito de Coari arremessando notas de dinheiro para a população.

# No Rio, Ozempic vira motivo de briga

O candidato à prefeitura do Rio de Janeiro Alexandre Ramagem (PL) usou as redes sociais para atacar Eduardo Paes (PSD), atual prefeito e candidato à reeleição, que afirmou, em entrevista ao jornal *Extra*, que pretendia distribuir Ozempic na rede pública de saúde caso fosse reeleito.

Na peça compartilhada pelo ex-chefe da Agência Brasileira de Inteligência (Abin), moradores reclamam da falta de medicamentos básicos nas Clínicas da Família.

"A gente quer uma dipirona, não tem. A gente quer um antibiótico, não tem. Então está faltando muita coisa. Então é isso que você tem que fazer, você tem que tomar vergonha na cara e ir na favela procurar ver o que os pobres estão precisando. Não é Ozempic, não", afirmou uma das entrevistadas.

Na legenda da postagem, Ramagem classificou a declaração do prefeito como "malandragem" e recebeu o apoio de seus seguidores. "Oferecer Ozempic não seria compra de voto? Isso é no mínimo deprimente. Quem teve experiência em UPA e hospital e perdeu parente é quem sabe", diz um internauta.

Cleber Mendes/Estadão Conteúdo

**Eduardo Paes prometeu Ozempic na rede pública e foi contestado**

O Ozempic é um remédio injetável usado no tratamento da diabetes, mas ficou famoso por ter, como "efeito colateral", o fácil emagrecimento. Nas farmácias do Brasil uma unidade custa, em média, R$ 1 mil.

"Tomei muito Ozempic, aquele remedinho que está abaixando o peso de todo mundo. Ele vai ter a patente aberta no ano que vem, vai poder ter o genérico e vou colocar na rede pública toda", afirmou Paes, que alegou ter perdido 30kg com o uso do medicamento.

"O Rio vai ser uma cidade que não vai ter mais gordinho, todo mundo vai tomar Ozempic nas clínicas da família", acrescentou o prefeito.

Aliados saíram em defesa de Paes depois da declaração. O secretário municipal de Saúde, Daniel Soranz, disse a *O Globo* que a pasta "se prepara para incorporar" a semaglutida, princípio ativo do Ozempic. "É muito importante que a gente ajude a população a controlar o seu peso, estimule a fazer exercício físico e uma alimentação saudável", afirmou Soranz.

Segundo a pesquisa Quaest divulgada na segunda-feira, Paes lidera a corrida à prefeitura carioca, com com 53% das intenções de voto, podendo ser reeleito em primeiro turno. Ramagem aparece em segundo lugar, com 20%, seguido pelo deputado federal Tarcísio Motta (PSol), com 6%.

# Gastos de peso do PL e PT nas capitais

**R$ 217 MILHÕES**

**Valor do fundo eleitoral que PL e PT depositaram nas contas de candidatos a prefeito nas capitais**

Às vésperas do primeiro turno das eleições municipais, os diretórios nacionais do PL e do PT depositaram mais de R$ 217 milhões do fundo eleitoral nas contas de candidatos a prefeito nas capitais. O valor já supera o total de recursos que outros 21 dos 29 partidos brasileiros terão para gastar durante todo o processo eleitoral. As siglas do ex-presidente Jair Bolsonaro e do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, respectivamente, detêm as maiores fatias do Fundo Eleitoral de Financiamento de Campanha, que tem R$ 4,9 bilhões disponíveis para o pleito deste ano.

As principais apostas de PL e PT estão na Região Sudeste, onde candidatos concentram cerca de 50% do valor doado pelos diretórios nacionais das legendas até aqui, segundo dados do sistema DivulgaCandContas até o fim de setembro.

Guilherme Boulos (PSol) recebeu R$ 30 milhões da direção nacional do PT para a disputa em São Paulo. É o candidato que mais recebeu recursos do partido de Lula, que doou até agora R$ 82,7 milhões para suas apostas nas capitais. Depois de Boulos, aparecem os petistas Rogério Correia, que disputa a prefeitura de Belo Horizonte, com R$ 8 milhões, e Maria do Rosário, candidata em Porto Alegre, com R$ 7 milhões.

Já o principal beneficiado pela fatia do partido de Bolsonaro no Sudeste é Alexandre Ramagem (PL), que disputa a prefeitura do Rio. Ele recebeu R$ 26 milhões do fundo eleitoral até aqui. O PL já transferiu R$ 134,3 milhões para candidatos de capitais. Além de Ramagem, o investimento tem sido pesado nas campanhas de Ricardo Nunes (MDB), em São Paulo, e de Bruno Engler (PL), em Belo Horizonte, com R$ 17 milhões e R$ 15 milhões doados, respectivamente.

As chances de segundo turno de candidatos que receberam dinheiro do diretório nacional do PT são reduzidas a sete capitais, segundo as pesquisas mais recentes. Fábio Novo (PT), em Teresina (R$ 3 milhões), e Adriana Accorsi (PT), em Goiânia (R$ 4,9 milhões), aparecem nas pesquisas disputando vaga no segundo turno, assim como Boulos e Maria do Rosário.

Candidaturas nas capitais nordestinas têm atraído a segunda maior quantidade de recursos públicos de PL e PT entre as regiões do país. Na tentativa de reverter o histórico local mais favorável à esquerda, o diretório do PL doou R$ 34,8 milhões a candidatos para as principais prefeituras. Mais de um terço desse valor (R$ 13,2 milhões) está concentrado em André Fernandes (PL), na disputa pela prefeitura de Fortaleza. Candidatos do partido em Maceió (JHC), Recife (Gilson Machado) e Aracaju (Emilia Correa) receberam entre R$ 5 milhões e R$ 7 milhões.

Já o diretório nacional do PT, que doou R$ 19,9 milhões para aliados no Nordeste, priorizou até agora repasses para candidaturas em Natal (Natália Bonavides, R$ 6,7 milhões) e também em Fortaleza (Evandro Leitão, R$ 4,3 milhões).

Além das candidaturas nas capitais, os diretórios nacionais dos partidos fazem repasses do "fundão eleitoral" para os escritórios locais nos estados e para postulantes em cidades menores. Só para o diretório estadual mineiro do PT, por exemplo, o valor repassado foi de R$ 29,7 milhões. Para o diretório de Rondônia, o PL doou R$ 6,3 milhões.

Como a maior parte do dinheiro, por lei, deve ser utilizada no primeiro turno, a distribuição dos recursos do fundão é maior nesta primeira fase da disputa eleitoral. De acordo com os dados do DivulgaCandContas, mais de R$ 524 milhões aparecem como "doações" feitas pelo diretório nacional do PT, que tem R$ 619 milhões para usar ao todo. Na página do PL nacional, constam R$ 871 milhões em doações; o partido tem direito a R$ 886 milhões do fundão.

Em nota à reportagem, o PT defendeu o sistema de distribuição dos recursos do fundo eleitoral. "O mesmo critério foi aplicado em outras legislaturas, outras eleições, outros períodos históricos, resultando em constantes alternâncias na posição relativa das legendas. O financiamento público das eleições e de parte das atividades partidárias, respeitado o critério da representatividade, é uma garantia democrática contra a privatização da política", destacou a legenda.

O diretório nacional do PL foi procurado pela reportagem, porém não havia respondido até o fechamento desta edição.

## NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo

luizazedo.df@dabr.com.br

Caio Gomez

# Israel comemora ano novo com bombardeio a Beirute

Comida, som, oração, reflexão, celebração e bombas, muitas bombas, em Beirute e no sul do Líbano marcam este ano novo judaico, o Rosh Hashaná, o início do ano 5785 no calendário hebraico, celebrado entre ontem e hoje. Shanah tovah é a saudação que significa um feliz ano novo para a comunidade judaica! O povo judeu comemora em setembro ou outubro, não em janeiro, em observância ao calendário hebreu lunissolar, que se originou com a criação bíblica do universo, uma semana mais curta do que o calendário gregoriano, que conta os anos antes e depois do nascimento de Jesus Cristo.

Segundo a tradição religiosa, o Rosh Hashaná é uma oportunidade de olhar para a frente. Não apenas celebrar o futuro. É preciso considerar o passado e rever o relacionamento com Deus. Também marca o primeiro dia de um período conhecido como os Dez Dias de Temor, ou Dias de Arrependimento, durante o qual as ações de uma pessoa são consideradas capazes de influenciar tanto o julgamento de Deus quanto o plano de Deus para com ela.

Chalá redonda, maçãs e mel simbolizam Deus, os ciclos do ano e o sustento que está por vir, respectivamente. O chalá é um pão arredondado, semelhante às nossas roscas, muitas vezes cravejado de passas, que geralmente é mergulhado em mel e comido como uma refeição simbólica, comemorativa. As maçãs representam a esperança de um ano doce pela frente. Acredita-se que a tradição de comer maçãs no Rosh Hashaná tenha se originado com judeus ashkenazi na Europa, que usavam a fruta do outono em suas refeições de ano novo.

Celebrado há milhares de anos, as origens do Rosh Hashaná são obscuras. Na passagem bíblica Levítico 23:24-25, Deus diz a Moisés que o povo de Israel deveria observar o primeiro dia do sétimo mês como um dia de descanso e marcá-lo com o toque de chifres de carneiro, o shofar, que ocorre regularmente nas sinagogas, mas no ano novo são executados cerca de 100 toques. Seu som é um chamado para se arrepender dos pecados e buscar o perdão de Deus. O trabalho é proibido em Rosh Hashaná, e muitos judeus passam o feriado participando de serviços especiais em suas sinagogas e, depois, celebrando com refeições festivas. Neste ano, para muitos, o serviço especial é ir à guerra.

Esses dias sagrados culminam no Yom Kippur, um tempo de expiação que é considerado o dia mais sagrado do ano. Ocorre anualmente no dia 10 de Tishrei, o primeiro mês do calendário hebraico, que será comemorado no próximo dia 12 de outubro. O que virá até lá ninguém sabe, o destino está nas mãos de Benjamin Netanyahu, o primeiro-ministro de Israel, e o aiatolá Ali Khamenei, líder supremo do Irã. Vale lembrar que a Guerra do Yom Kippur começou em 6 de outubro de 1973, quando tropas egípcias e sírias atacaram bases israelenses na região do Suez, e tem esse nome porque se iniciou no feriado em que os judeus comemoram o "dia do perdão". Desde então, Gaza e Cisjordânia, na Palestina, e as Colinas de Golan, na Síria, estão ocupadas por Israel.

### Destruição

Enquanto a comunidade judaica comemora o ano novo, as Forças de Defesa de Israel (FDI) avançam contra o Hezbollah no sul do Líbano e bombardeiam Beirute como quem lança fogos de artifícios. Ontem, o governo do Líbano informou que, nas últimas duas semanas, mais de 1 mil pessoas morreram e 6 mil ficaram feridas em ataques israelenses no país. Entre as vítimas, estão 156 mulheres e 87 crianças. Nos últimos 12 meses, o conflito entre Israel e o Hezbollah resultou em 1,6 mil mortes no Líbano e deixou milhares de feridos. Ontem, em meio às comemorações do Rosh Hashaná, Israel bombardeou o centro de Beirute, onde a maioria é cristã, a pretexto de matar mais um líder do grupo.

De nada adiantaram os apelos do encarregado de negócios interino do Líbano, Al-Sayyid Hadi Hashim, durante a Conselho de Segurança da ONU, segundo os quais seu país já vive uma crise humanitária grave, com milhares de pessoas desabrigadas. São 1 milhão de libaneses que precisaram deixar suas casas por causa do conflito. O país também abriga 2 milhões de sírios deslocados e 500 mil palestinos refugiados, além de uma comunidade brasileira que chega a 12 mil pessoas. "O que está acontecendo agora, com essas mortes, pessoas desabrigadas e destruições sem precedentes não pode ser mais tolerado ou ignorado. As crianças dos subúrbios do sul de Beirute estão dormindo nas ruas", disse.

O primeiro-ministro Benjamin Netanyahu quer destruir o Hezbollah e, para isso, utiliza a mesma estratégia de terra arrasada adotada em Gaza, que foi destruída. Em 23 de setembro, Israel lançou um bombardeio aéreo que provocou a morte de 569 pessoas, incluindo 50 crianças e 94 mulheres. Esse dia foi o mais sangrento desde 2006, quando Israel também travou uma guerra contra o Hezbollah. Em 29 de setembro, um ataque contra uma área residencial resultou na morte de 71 pessoas, incluindo mulheres e crianças que ficaram presas nos escombros. Hashim chamou o episódio de "massacre".

Até agora, 50 soldados israelenses morreram em confrontos envolvendo o Hezbollah no Líbano. Oito foram assassinados ontem. O representante de Israel na ONU, Danny Danon, ao justificar as ações militares, afirmou que o país enfrenta ataques diretos à própria existência. "Essa é a realidade que enfrentamos todos os dias: terror nas fronteiras, mísseis sobre nossas cabeças, balas nas ruas. O Conselho precisa entender o cenário em que Israel é forçado a viver", disse.